

de produção não são nada animadoras, pois ou teremos a superprodução, com aviltamento das cotações e talvez necessidade de intervenção (tão difícil) do governo no mercado, ou os fenômenos climáticos determinarão queda sensível nas safras e então o preço do produto elevar-se-á de forma a impedir a competição com os demais países".

A GRAVIDADE DA SITUAÇÃO

"Isso tudo vem atestar que estamos realmente batidos em matéria de café. De 70%, nossos fornecimentos ao mercado cafeeiro caíram para pouco mais de 30%. Perdemos mercados para a Colômbia e América Central em virtude da baixa qualidade de nosso produto. Tornamos possível a entrada do café africano em outros centros de consumo (que não as respectivas metrópoles) pela tentativa de sustentar preços artificialmente exagerados, em discrepância com o valor real de nossa rubiaca. A desorientação de nossa política cafeeira é portanto patente. Chegamos à situação de precisar lutar pela nossa sobrevivência. Novos mercados devem ser conquistados, e isso não é trabalho de um ou dois anos: requer uma política realista e persistente. No entanto, nossa economia cafeeira está acelera. Os que sobre ela delibram, às vezes até de forma contraditória, muito frequentemente falam sem conhecimento de causa ou subordinando-se a injunções de ordem subalterna. Basta ver as discussões estereis que há mais de um ano acompanham a tramitação pelo Congresso do projeto que autoriza a elevação de nossa contribuição ao "Bureau" Pan-americano de Café para propaganda do produto, medida de caráter indispensável e urgente. Lembro a esse propósito que, quando em missão especial nos Estados Unidos e Canadá, constatei e tornei público que este último país apresentava condições para consumir até cinco vezes mais café do que o primeiro, guardadas as devidas proporções, em virtude de seu clima frio e do alto poder aquisitivo de seu povo. Como esse, muitos outros países há aos quais podemos e devemos ensinar a tomar café. Para tanto, a propaganda é uma necessidade. No entanto, medida dessa natureza se arrasta sem uma decisão favorável da nossa parte".

"ESTAMOS NO CICLO DA AGRICULTURA NACIONAL"

"Essa incompreensão do problema cafeeiro é que deve ser combatida pelo preconizado Estado-Maior do Café. E preciso que cheguemos a compreender que o ciclo da agricultura nomade, em que se extrai da terra toda a sua riqueza sem cuidado pela sua recuperação, está encerrado. Ou ingressamos numa fase de agricultura racional ou pereceremos. Não podemos continuar a considerar a lavoura como se fosse simples "mineração". O cultivo da terra não pode resumir-se aos seus aspectos econômico e financeiro.

Biohumus

é uma cultura selecionada e concentrada de bactérias específicas para a decomposição de toda a espécie de resíduos vegetais.

Procure, Agricultor, conhecer o Biohumus...

Há o lado agronomico e o social a considerar, para o progresso dessa atividade e para a fixação do homem à terra através de níveis de vida aceitáveis para o trabalhador. A agricultura é uma profissão e não se pode compreender que muitos queiram ser apenas "donos de fazenda", vivendo no asfalto e deixando suas terras, sem sua assistência direta, entregues mais ou menos ao acaso na esperança de que o governo depois intervenha para evitar os prejuízos decorrentes de uma produção inferior em qualidade e deficitária. Sem a dedicação à terra, que se impõe, o lavrador foge à sua missão e se mercantiliza".

O PAPEL DO CAFÉ NA ECONOMIA NACIONAL

"No entanto, prosseguiu o sr. Carlos Whately, verifica-se que grande número de lavradores não quer atentar para isso. Ao invés de encarar de frente problemas da importância dos aqui mencionados e procurar resolvê-los dentro de uma orientação realista e patriótica, despendem toda a sua energia em protestar contra o "conflito cambial", como se sua extinção fosse uma panacéia, que viria afastar todas as dificuldades, já não digo do país, mas da própria cafeicultura. No entanto, sem esse "conflito", como o governo poderia subsistir? Se com ele, o deficit orçamentario é o que se conhece, que aconteceria se os recursos dos açúes fossem — como em tese deveriam ser — devolvidos à lavoura? O recurso à emissão seria inevitável e, assim, com o agravamento da inflação, não só os próprios cafeicultores seriam prejudicados, como toda a nação poderia encaminhar-se para o caos. Nessas condições, enquanto o país não contar com novos produtos de exportação, parece evidente que o café, dentro de uma perspectiva do interesse coletivo, deve continuar a arcar com a pesada incumbência de ser o sustentáculo da nacionalidade".

O REGULAMENTO DE EMBARQUES

Ao finalizar suas declarações, o sr. Carlos Whately foi solicitado pela reportagem a pronunciar-se sobre o problema do novo regulamento de embarques. Afirmou s. s. que, à medida que nos aproximamos da data da nova reunião da Junta Administrativa do I. B. C., pode-se esperar que, pelos pronunciamentos já emitidos, seus membros adotarão a respeito uma solução sensata, tendo em vista a conciliação, que se impõe, entre os interesses da cafeicultura e os do país.

Sobre as características do novo regulamento, o sr. Carlos Whately manifestou-se favorável à adoção da distinção entre as series "direta" e "retida", sem prejuizo dos privilegios concedidos aos cafés despolpados e preferencias pelo atual regulamento, a fim de se estimular mais concretamente a melhoria da qualidade. A serie "direta", como já divulgamos ontem, terá um escoamento para os portos em caráter de prioridade, dentro da ordem cronologica de despacho, e a serie "retida" só começará a ser enviada para os portos, em ordem cronologica invertida, depois de escoada aquela. Dessa forma, o cafeicultor que despachar em primeiro lugar a sua produção, terá metade dela chegando à frente das demais no porto e a outra metade chegando em ultimo lugar; e o que embarcar em ultimo lugar, por sua vez, toda a sua produção entrando em conjunto no porto, já que metade será a última da serie "direta" e metade será a primeira da serie "retida". Dessa forma estabelece-se por um equilibrio de vantagens, uma situação de equivalencia entre todos os cafeicultores, permitindo-se, além disso, que disponham de mais tempo para — querendo — preparar bem seu café, já que a pressa não terá razão de ser.

(Da "Folha da Manhã" de 18-5-56)